



BALADA DA GISBERTA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOB PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Carolinne Taveira de Melo;

Universidade Estadual da Paraíba carolinnetaveira@hotmail.com

Rogério Marcellino dos Santos Melo;

Universidade Estadual da Paraíba rogeriomarcelino.letras2013@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Tânia Augusto Pereira;

Universidade Estadual da Paraíba taniauepb@yahoo.com.br

RESUMO: A transexualidade, considerada como um Transtorno de Identidade de Gênero, é alvo de preconceito e violência cometidos por pessoas contrárias à aprovação/aceitação dessa condição identitária. A transexualidade consiste na não aceitação do próprio corpo. Sendo assim, transexual é aquele/aquela que não se identifica com a formação biológica que nasceu, ou até mesmo que não se identifica com as características do seu próprio gênero. Atualmente, a visibilidade trans vem ganhando espaço na mídia, porém, com assuntos voltados para casos de violência e homicídio, enfatizando crimes de ódio e violência gratuita. Em 2006, Gisberta, uma transexual brasileira, ex-residente na cidade do Porto, em Portugal, foi brutalmente torturada e violentada por jovens menores de idade. Gisberta, 46 anos, prostituta, soropositiva, toxicodependente, é a representação de uma categoria social marginalizada. Sob a perspectiva foucaultiana, no campo da Análise do Discurso, este artigo analisa a letra da música “Balada da Gisberta”, de Pedro Abrunhosa, feita em homenagem não só à Gisberta, mas à toda comunidade LGBTQ, vítima de homofobia/transfobia.

Palavras chave: Transexualidade, Identidade de Gênero, Gisberta, Análise do Discurso.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, estamos fundamentados na perspectiva discursiva foucaultiana, que embasa as discussões acerca do objeto de estudo proposto, a letra da música “Balada da Gisberta”, composta por Pedro Abrunhosa, analisada a partir da sua formação discursiva.

Esta música aborda a história de Gilberto Salce Júnior, nome civil de Gisberta, transexual brasileira, ex-residente da cidade do Porto, em Portugal, que sofreu abusos de jovens menores de idade no ano de 2006.

Como denúncia aos crimes cometidos contra a comunidade LGBTQ¹, Pedro Abrunhosa compôs a “Balada da Gisberta”, que é interpretada pela cantora Maria Bethânia. Assim como Geni, personagem da Ópera do Malandro, de Chico Buarque de Holanda, que é depreada por um grupo majoritário por ser considerada prostituta, Gisberta foi morta de forma gratuita e violenta, e também representa uma categoria subjugada e marginalizada socialmente.

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Queers.



O percurso histórico da AD

Surgida na França, na década de 1960, a AD, fundada por Michel Pêcheux, adentrou no cenário francês a partir de manifestações estudantis contra o governo vigente da época. Os estudantes reivindicavam por mudanças no sistema educacional e no governo francês.

Historicamente, é dividida em três épocas. A primeira, AD1, consiste em uma fase representada por uma maquinaria discursiva, resultante de uma posição pós-saussuriana, em que o discurso é homogêneo. Nessa primeira fase, o sujeito é tido como assujeitado, acredita que é dono do seu discurso. A segunda fase (AD2) consiste no adentramento da teoria foucauliana, em que o sujeito, ainda assujeitado, apresenta um discurso que dialoga com o meio externo. Além disso, neste momento, surge a noção da Formação Discursiva, termo oriundo do filósofo francês Michael Foucault.

Na segunda época, a noção de maquinaria fechada, cuja fundamentação é a de limitação autodeterminada, começa a expandir-se, uma vez que os discursos externos relacionam-se com os discursos internos. O sujeito, mesmo considerado assujeitado, dialoga com outros discursos.

Na AD3, acontece a desconstrução da maquinaria discursiva, o discurso passa a ser considerado como heterogêneo e começa a ser

investigado no cotidiano social. Essa desconstrução ocorre não só pelas contribuições de Michel Pêcheux, como de outros estudiosos, tais como Bakhtin e Foucault. É estabelecida a quebra do discurso homogêneo, que passa a ser visto como heterogêneo.

O sujeito discursivo

Antes que se compreenda a noção de sujeito discursivo, é necessário entender que esse sujeito não possui uma existência particular no mundo, ou seja, não é um ser individualizado. Pelo contrário, o sujeito discursivo é a junção de diferentes vozes, de diferentes condições histórico sociais. É agente de diversas práticas sociais, as quais se manifestam em seus discursos. Esse sujeito enuncia de acordo com a sua posição social, ou seja, seu discurso é elaborado a partir do lugar que ele ocupa na sociedade e a partir de discursos outros manifestados ao longo da história.

O sujeito não é detentor do próprio discurso, ele é clivado por diferentes vozes e dizeres que se interpelam ao longo da existência social. O sujeito discursivo enuncia inconscientemente. Enquanto sujeitos, estamos, a todo momento, enunciando discursos de outrem, na ilusão de sermos os donos do nosso dizer.



Para Fernandes (2007, p. 33), o sujeito da AD é:

[...] apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro.

O sujeito, visto nessa ótica, é revelado no âmbito social, existindo em determinados contextos sócio históricos e ideológicos, que se circunscrevem em paradigmas formados ao longo da existência social. Por essa razão, a materialidade linguística realizada pelo sujeito se estabelece num discurso assujeitado, formado por interpelações ideológicas. Mais que isso, o discurso varia de sujeito para sujeito, se insere dentro de contextos de produção específicos que mostram ideologias e posições sociais distintas (FERNANDES, 2007).

A noção da formação discursiva

Ao abordar a noção de sujeito discursivo, tem-se a ideia que ele é a junção de diferentes discursos. O sujeito é atravessado por discursos outros que o fazem enunciar na ilusão de que ele possui a centralidade de seu discurso.

A posição de sujeito discursivo revela que os discursos enunciados por esse sujeito tem um sentido específico, que varia de acordo com a sua posição social. O sentido de uma palavra, expressão ou proposição pode variar de acordo com a posição que o sujeito ocupa na sociedade. Essa variação se dá porque as palavras e expressões são projetadas na linguagem de acordo com a ideologia do sujeito que as emprega.

Uma formação discursiva é o resultado de posições circunscritas em dadas conjunturas e determina aquilo que pode e deve ser dito. Assim, as palavras e expressões recebem seu sentido de acordo com a formação discursiva a qual pertencem. Segundo Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2006, p. 17), “[...], os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Sendo assim, a formação discursiva determina o discurso e o sentido do discurso que um determinado sujeito enuncia, considerando que ele está inscrito numa dada posição em uma dada conjuntura social ideológica. Consoante Orlandi (2006, p. 17), “não podemos pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia”.

Para fins de ilustração, a expressão “passar a perna”, para determinados sujeitos, tem sentido de cunho sexual e está



diretamente relacionada ao coito; entretanto, para outros sujeitos, essa expressão se insere no sentido de enganar, ludibriar alguém. Ou seja, a formação discursiva de um sujeito está intrinsecamente ligada ao sexo, enquanto a formação de outro sujeito está ligada ao crime.

A formação discursiva nos permite pensar no funcionamento da ideologia na formação de um sujeito discursivo e do sentido que os discursos enunciados por ele podem assumir.

Contextualizando o objeto de estudo

Nosso objeto de estudo é a letra da música “Balada da Gisberta”, de Pedro Abrunhosa. Gisberta, mais conhecida como Gis, foi uma transexual brasileira, nascida na cidade de São Paulo, que imigrou para Portugal e passou a residir na cidade do Porto² com o intuito de conseguir realizar a sua mudança de sexo. Prostituta, contraiu HIV, além de ter sido toxicodependente e moradora de rua³, vivia da renda obtida por meio de seu trabalho, à margem de calçadas, esperando por clientes. Gisberta, sem um lugar para morar, pernoitava em um edifício

² Informação disponível em: <<http://www.dn.pt/arquivo/2006/interior/gisberta-e-recordada-como-uma-mulher-belissima-cordial-e-docil-636554.html>>. Acesso em: novembro de 2015.

³ Informação disponível em: <http://monolitodeideias.blogspot.com.br/2012/10/o-caso-gisberta_755.html>. Acesso em: novembro de 2015.

em construção quando foi violentamente abordada por um grupo de 14 jovens, com idades entre 12 e 16 anos.

As agressões iniciaram-se no dia 19 de fevereiro de 2006, e culminaram em sua morte, no dia 22 de fevereiro do mesmo ano. Após sofrer sucessivos ataques de ódio, que consistiram em agressões e torturas com pedaços de madeira, pedras, queimaduras de cigarros e violência sexual, com introdução de pedaços de madeira em seu ânus, Gisberta foi arrastada até um poço, onde esses jovens jogaram-na quase sem vida.⁴

O júri português decretou pena aos menores envolvidos, afirmando que deveriam cumpri-la em um internato para menores, cumprindo medidas tutelares, com penas variantes entre 11 e 13 meses, em regime aberto e semiaberto⁵. Ao jovem de 16 anos, foi destinada a pena de 8 meses de prisão em regime fechado, mas podendo entrar com recurso para solicitação de cumprir a pena em regime domiciliar⁶. Tais penas foram assim estabelecidas, pois o tribunal português alegou que Gisberta foi morta por

⁴ Informação disponível em: <<http://portugalgay.pt/politica/portugalgay71b.asp>>. Acesso em: novembro de 2015.

⁵ Informação disponível: <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/caso-gisberta-13-menores-condenados-entre-onze-e-13-meses-de-internamento-1265946>>. Acesso em: novembro de 2015.

⁶ Informação disponível em: <<http://jpn.up.pt/2008/04/14/agressor-de-gisberta-condenado-a-oito-meses-de-prisao>>. Acesso em: novembro de 2015.



afogamento. Desse modo, a morte da transexual brasileira, que era tratada como homem, não só pelo tribunal como por boa parte da mídia portuguesa que havia noticiado sua morte, não foi vista como um crime de ódio, mas como uma “brincadeira de mau gosto”.

Em sua homenagem e como forma de denúncia à discriminação, Pedro Abrunhosa escreveu a música “Balada da Gisberta”, transcrita a seguir.

Balada da Gisberta

(Pedro Abrunhosa)

Perdi-me do nome,
Hoje podes chamar-me de tua,
Dancei em palácios,
Hoje danço na rua.
Vesti-me de sonhos,
Hoje visto as bermas da estrada,
De que serve voltar
Quando se volta para o nada.
Eu não sei se um Anjo me chama,
Eu não sei dos mil homens na cama
E o céu não pode esperar.
Eu não sei se a noite me leva,
Eu não ouço o meu grito na treva,
O fim quer me buscar.
Sambei na avenida,
No escuro fui porta-estandarte,
Apagaram-se as luzes,
É o futuro que parte.
Escrevi o desejo,
Corações que já esqueci,

Com sedas matei
E com ferros morri.
Eu não sei se um Anjo me chama,
Eu não sei dos mil homens na cama
E o céu não pode esperar.
Eu não sei se a noite me leva,
Eu não ouço o meu grito na treva,
E o fim quer me buscar.
Trouxe pouco,
Levo menos,
A distância até ao fundo é tão pequena,
No fundo, é tão pequena,
A queda.
E o amor é tão longe,
O amor é tão longe
O amor é tão longe
O amor é tão longe.

<Fonte: <http://letras.mus.br/maria-bethania/1768848/>. Acesso em: 16 de julho de 2015>.

Análise discursiva

Nos quatro primeiros versos, “Perdi-me do nome/Hoje podes chamar-me de tua/Dancei em palácios/Hoje danço na rua”, pode-se verificar primeiramente, a questão do nome social adotado por Gisberta, uma vez que se chamava Gilberto (nome civil). Levando em conta tal questão, a conquista do reconhecimento e respeito do nome social de pessoas transexuais ainda é um problema recorrente. O nome civil deixa de caracterizar o ser, porque não há reconhecimento de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

identidade. “Perdi-me do nome”, tece uma ideia de valorização identitária, pois o nome civil foi substituído; “hoje podes chamar-me de tua”. O sujeito passa a agir como de fato é, se reconhece enquanto mulher que trabalha como prostituta.

Logo em seguida, os enunciados “Dancei em palácios/Hoje danço na rua”, remetem à história de Gisberta, que “ganhava a vida” em bordéis e ruas de Portugal como dançarina e prostituta. Podemos fazer uma alusão às histórias de dançarinas famosas e reconhecidas, que atingem seu ápice em determinada idade/momento e declinam em vida e carreira devido a diversos motivos. Gisberta, mesmo não sendo uma dançarina famosa, mas ainda assim reconhecida onde trabalhava, declina a partir do momento em que utiliza o uso de substâncias entorpecentes ilegais, além de contrair HIV.

Os versos seguintes: “Vesti-me de sonhos/Hoje visto as bermas da estrada/De que serve voltar/Quando se volta para o nada”, apresentam uma mulher sofrida que, como todo ser humano, sonhava com melhorias. Mas, que por motivos diversos, foi conduzida a uma realidade feia, sem muitas esperanças.

O refrão da música, apresenta, de forma melancólica e depressiva, a certeza do fim de uma mulher transexual. “Eu não sei se um Anjo me chama/Eu não sei dos mil homens na

cama/E o céu não pode esperar/Eu não sei se a noite me leva/Eu não ouço o meu grito na treva/E o fim quer me buscar”. O final do refrão traz a constatação de um sofrimento terrível, pelo qual ela passou. Sem voz, nem vez, Gisberta chega a um fim, talvez tão almejado devido ao seu sofrimento.

O verso “Eu não sei dos mil homens na cama” deixa pressuposto o tipo de trabalho exercido por ela. A prostituição é o caminho seguido por muitos e muitas transexuais por vários motivos. Entre eles, a falta de oportunidade, uma vez que ser transexual significa ser alguém fora dos padrões exigidos pelo mercado de trabalho, corroborando para uma maior exclusão social.

Nos versos “Sambei na avenida/No escuro fui porta-estandarte/Apagaram-se as luzes/É o futuro que parte”, novamente é retratado o término de sua vida, a não possibilidade de enxergar um futuro e o silêncio dominante. Os versos “Escrevi o desejo/Corações que já esqueci/Com sedas matei/E com ferros morri” partem da suposição de que uma vez que teve muitos amantes, por ser prostituta, pode ter tido muitos amores, pessoas que passaram por sua vida e que deixaram alguma lembrança ou esquecimento. Escreveu sua história, ou parte dela, nas ruas e nos bordéis, onde costumava trabalhar. A metáfora usada no verso, “com sedas matei”, remete ao glamour que esta



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

emanava, fazendo com que as pessoas que vissem seus shows, morressem, mas de amor.

O último verso, “E com ferros morri”, representa a possível causa de morte de Gisberta. Ela faleceu após sofrer violentos abusos físicos e mentais, em 22 de fevereiro de 2006, em um edifício inacabado na cidade do Porto, em Portugal, por um grupo de aproximadamente 14 rapazes, com idades entre 12 e 16 anos, que utilizaram objetos como pedaços de madeira e pedras.

Na letra da música pode-se notar, mesmo que de forma indireta, a ascensão e a queda de um ser humano, no caso, Gisberta, cuja vida foi pautada, talvez, no desejo insaciável de ser quem realmente era: uma mulher. No entanto, estando contra os padrões de uma sociedade pautada em preconceitos e discriminações, cujos ideais e sucessivas ações ferem outrem, foi marginalizada pela sua profissão de prostituta e mas por ser transexual, soropositiva, sem-teto, toxicodependente e imigrante.

Os últimos versos “Trouxe pouco/Levo menos/A distância até ao fundo é tão pequena/No fundo, é tão pequena/A queda/E o amor é tão longe, denotam o sentido de fim, literalmente. “Trouxe pouco” pode ser associado à imigração para Portugal, a fim de conseguir uma melhor condição de vida, sendo ela mesma e a mudança de sexo. “Levo menos ainda” é a evidência de sua morte e a

certeza que nada se leva da vida, sendo a morte um mistério, vazio.

Os versos seguintes estão associados ao lugar em que Gisberta foi encontrada, em um poço, com escoriações pelo corpo, bem como ao desespero que se encontra o ser humano sem esperança, que está “no fundo do poço”, indicando uma não-certeza “no fundo, é tão pequena: a queda”. Por fim, “e o amor é tão longe”, retoma a dificuldade de enxergar um futuro, de algo que a sustentasse emocionalmente. A distância do sentimento, com dificuldade em alcançar algo tão bonito e ao mesmo tempo, como se não fosse capaz, nem merecedora, vista pelos olhos de muitos, de alcançar tal “salvação”.

Segundo Foucault (*apud* DOMINGOS, 2009, p. 21), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”. Dessa forma, podemos verificar que o poder do discurso está justamente na forma como este é transmitido externamente. Além disso, o discurso tem como objetivo instituir ideologias, perpassá-las.

A letra musical “Balada da Gisberta”, de Abruñosa, é uma tentativa de denunciar uma opressão, além de homenagear Gisberta e outras vítimas de transfobia e homofobia. O discurso se situa na resistência, ou na



tentativa de resistir à ordem discursiva, do que obrigatoriamente é tido como uma suposta verdade a ser seguida, uma verdade com credibilidade. Domingos (2009), citando “A ordem do discurso”, de Michel Foucault, ressalta a suposta verdade presente nos discursos, construídos histórica e socialmente, no intuito de instituir ideologias próprias, separando e excluindo assim, todo e qualquer discurso contrário.

A denúncia e a homenagem, presentes na letra da canção, dizem respeito não só a Gisberta, mas a todos e todas que sofrem discriminação por serem o que são e como são e resistem ao discurso majoritário, poderoso, do preconceito. A multiplicidade do sujeito, segundo a perspectiva discursiva foucaultiana, consiste na apropriação ampla da condição do outro. Gisberta é muitas e muitos, uma vez que “o sujeito do discurso não é uma pessoa, alguém que diz alguma coisa; trata-se de uma posição que alguém assume, diante de um certo discurso” (FISCHER, 2013, p. 134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A militância é resiliente. Tendo a necessidade de lutar em prol daqueles e daquelas que, irrefletidamente, sofrem por serem o que são, a militância, enquanto forma de tentativa de alcançar o respeito e exigir direitos igualitários, repercute por meio das

mais variantes maneiras; cinema, debates, músicas, livros, diálogos, etc. Pedro Abrunhosa militou em nome de Gisberta, a fim de homenageá-la e denunciando um crime cruel.

Na contemporaneidade, gradativamente, vem-se construindo um discurso igualitário, pautado em uma ideologia minoritária, na tentativa de quebrar paradigmas e preconceitos criados e disseminados histórica, cultural e socialmente. O sujeito, enquanto ser dotado de ideais, perpassa o que acredita para outro sujeito e assim por diante. Assim sendo, o discurso detentor do poder irá repercutir. O discurso opressor, infelizmente, detém poderes e são esses poderes que silenciam e matam milhares de pessoas.

Gisberta é a representação da travesti que morre porque alguém não gostou da forma como ela se vestia; é a representação da lésbica que foi expulsa de casa porque os pais não aceitaram a sua orientação sexual; é a representação da transexual que foi espancada e violentada na porta de casa; é a representação do gay que foi morto pelo próprio pai por ter se assumido como tal.

REFERÊNCIAS

DOMINGOS, J.J. **Discurso, poder e subjetivação**: uma discussão foucaultiana. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009, p. 19-34.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2.ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos dos discursos**: perspectivas teóricas. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 123-151.

ORLANDI, Eni P; RODRIGUES, Suzy Lagazzi. (Orgs) **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. São Paulo: Pontes, 2006, p. 13-28.

